



Paideia erótica: Carlos Zéfiro e as intersecções entre literatura, pornografia e educação sexual

Claudio Domingos FERNANDES

*A língua lambe as pétalas vermelhas
da rosa pluriaberta; a língua lavra
certo oculto botão, e vai tecendo
lépidas variações de leves ritmos.*

*E lambe, lambilonga, lambilenta,
a licorina gruta cabeluda,
e, quanto mais lambente, mais ativa,
atinge o céu do céu, entre gemidos,*

*entre gritos, balidos e rugidos
de leões na floresta, enfurecidos.¹*

Supõem Antônio Candido que “os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente”², isto é, que as produções literárias e artísticas têm papel decisivo na formação humana. E, de fato, têm. Por meio de suas representações e encenações elas inscrevem

¹ANDRADE, 2002, *A língua Lambe*, p. 1375

²CANDIDO, 2002, p. 84

sentido acerca dos corpos, dos comportamentos, das cosmovisões, das ações dos sujeitos. E se os modos de compreender o mundo nos são ensinados, e a literatura exerce papel imprescindível, a questão que colocamos é a seguinte: a produção erótico-pornográfica de Carlos Zéfiro tem lugar pedagógico? É possível pensar a produção erótico-pornográfica como instrumento de formação e retirar dessa produção uma visão ou um tratamento moralista que impede de trazê-la à arena educativa?

Mais que ontem, hoje o acesso à pornografia em suas dimensões mais grotescas e violentas é uma realidade entre nossos alunos e alunas. E encontrar meios de dialogar com eles, de forma a despertar a criticidade acerca destes produtos e seu consumo, é uma tarefa que nos se impõem, se temos como meta a formação integral dos sujeitos.

A escolha por Carlos Zéfiro é memorial. Em minha adolescência, em que educação sexual era tabu, suas publicações substituíam o silêncio familiar e escolar acerca do corpo e da sexualidade. Sexualmente, podemos dizer, nossa formação primeira foi com o mestre Carlos Zéfiro.

Reconhecemos o papel pernicioso que a pornografia pode exercer sobre nossa formação. Ela tem a capacidade de degenerar seu fruitor, inculcando-lhe uma visão distorcida da realidade, reforçando preconceitos, incentivar abusos e violência, degradar a dignidade humana, principalmente feminina. No entanto é uma realidade presente em nosso cotidiano e nossos alunos e alunas estão expostas a ela constantemente e a acedem voluntariamente.

Penso que uma forma de trazer o debate para o centro da arena educativa é ter claro o papel do erotismo na literatura e na produção artística.

I

*Antes de tudo o erotismo é exclusivamente humano: é sexualidade socializada e transfigurada pela imaginação e vontade dos homens.*³

A sensualidade e o erotismo fazem parte da linguagem não apenas humana. No mundo animal, não só o cio, mas o rosar, o cantar, o postar o corpo, o exhibir as plumagens atraem o parceiro para a continuidade da espécie. Mas entre os humanos, sensualidade e erotismo são revestidos de cultura,

³ PAZ, 1994, p. 16.

pois, “varia de acordo com o clima e a geografia, com a sociedade e a história, com o indivíduo e o temperamento. Também com a inspiração do momento.”⁴

O sensual é o que se apresenta aos sentidos: um som, um cheiro, um sabor, a entonação de uma voz, um modo sutil de piscar, um movimento de corpo. São aspectos superficiais do outro que impressionam nossos sentidos. E estes elementos, atingindo nossa percepção, despertam-nos admiração, encantamento, enlevo, desejos. Fazemos, então, da sensualidade uma estratégia de sedução e conquista, num jogo de mostrar-velar, atrair-recuar o percebido do percipiente. Neste sentido, em *O prazer do texto*, Barthes pondera que o que seduz é a encenação do aparecimento e desaparecimento dos elementos que nos capturam e criam a “esperança de ver o sexo.”

Embora se diga: “o belo está nos olhos de quem vê”, a verdade é que o belo, mas também o feio, como o inusitado e o grotesco, invade o humano por todos os seus sentidos e desperta-lhe o corpo todo: as sensações, os sentimentos, as paixões, as fantasias, os desejos, o pensamento. Nada chega à percepção e nela cala indiferente.

Se há em nós alguma fagulha de vida e de desejo de vida, não podemos nos livrar do frenesi de querer ser com o que nos atrai. Incorporar-se, fazer-se corpo com o corpo outro que nos atrai é de nossa condição. Toda essa energia, nós a centramos no desejo sexual.

Assim, sensualidade passa a designar a manifestação dos jogos sensuais em torno dos desejos sexuais, jogos que despertam um estado de excitação sexual. E, embora, devido ao rigorismo moral, fundado em censuras religiosas, muitos tenham preconceito contra os jogos sensuais e os condenem, o erotismo encontrou no âmbito das artes, da literatura, da música, do cinema, da propaganda, espaço de sua manifestação.

Na literatura, mesmo que velado, “o erotismo está presente da Antiguidade até nossos dias.”⁵ e a cena erótica se manifesta mesmo nos escritos bíblicos. Não há como ser diverso: sensualidade e erotismo humanizam-nos. E a literatura é um dos termômetros de nossa humanidade. Ela nos mostra quem somos, como pensamos e o que valorizamos. A literatura “exprime o homem e depois atua na própria formação do homem.”⁶ E falando de nossos desejos, o erótico torna “evidente a fragilidade humana e sua grandeza.”⁷ De tal modo: “o fazer literário é uma experiência erotizada”⁸,

⁴ Idem, p. 16-17

⁵ SILVA, p. 271.

⁶ CANDIDO, 2002, p 82.

⁷ SILVA, 2001, p. 282

⁸ SOARES, 1999.

que mobiliza o interdito, a transgressão, a violência, o sagrado, o belo, a vida e a morte, que nos conduzem à grandeza e fragilidade de nossa humanidade.

Segundo Cuti (2001), na Literatura Brasileira o erotismo “tomou as feições derivadas da “moral e bons costumes” do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”. E “os autores que se aventuraram a tratar de sexo em poesia, quase sempre o fizeram às escondidas, apelando para pseudônimos.”⁹

Cuti observa que: “a família, a escola e a religião têm muita dificuldade para trabalhar com a questão do erotismo. O tom repressor que norteia estas instituições faz da linguagem relacionada ao sexo algo pesado, científico, assustador.”¹⁰

Assim, devido às dificuldades de expressão, “foi encontrada a forma da malandragem para permitir o trânsito da vertente erótica. *Macunaíma* é um exemplo. O uso de eufemismo com o brincar e tantos outros, significando relação sexual, a figura jocosa do “herói sem caráter”, como o apelidou o autor, e outras gíngas deram o tom picaresco para a sexualidade.”¹¹

Acerca da Literatura Negra Brasileira, Cuti nota que “o erotismo vem se destacando em alguns autores”, mas “ainda há palavras proibidas de adentrar a poesia que, para alguns, constitui um verdadeiro santuário da linguagem, distante da fala cotidiana.”¹²

A relação literatura e erotismo resvala e se confunde, frequentemente, com a pornografia, que “é bastante difícil – senão impossível – traçar os limites entre o erótico e o pornográfico.”¹³

De acordo com Cardoso (2014) a pornografia, como categoria independente e distinta das artes e da literatura se dá na Europa, entre meados do século XVIII e início do século XIX. E, de lá aos dias de hoje, sua definição sofreu inúmeras transformações, acompanhando as transformações sociais.

Moraes e Lapeiz (1985) dizem que em seu sentido original o termo pornografia (do grego: *pornographos*) referia “a descrição da vida, dos costumes e dos hábitos das prostitutas e de seus clientes.”¹⁴ Já o termo erotismo, “surgiu no século XIX, a partir do adjetivo erótico, este derivado

⁹SILVA, 2001, p. 271; 272.

¹⁰ Idem, p. 279

¹¹ Idem, p. 272.

¹² Idem, p. 273

¹³ MORAES; LAPEIZ, 1985, p. 8

¹⁴ Idem, p. 7

do grego Eros, Deus do desejo sexual no sentido mais amplo.”¹⁵ E para as autoras, “é bastante difícil – senão impossível – traçar os limites entre o erótico e o pornográfico.”¹⁶

Não obstante, diferenciando-se e ou confundindo-se, encontramos sua presença em livros, em revistas, nos jornais, nas portas de banheiros, “nos “gracejos” de rua, nos outdoors, nas cartas de baralho, e nas cabeças das pessoas.”¹⁷ E estão à disposição de nossos alunos e alunas em seus celulares e participam de sua formação, e devemos estar atentos a tal realidade. A formação de nossos jovens passa pelo consumo de pornografia.

Num passado não muito distante, quando educação sexual era um tabu, em que família e escola pouco adentrava, Carlos Zéfiro, pseudônimo de Alcides Aguiar Caminha, foi um expoente do pornô-erotismo, e professor sexual de gerações.

É a partir dele que queremos reafirmar o papel da literatura e do erotismo nela presente na formação integral do humano.

II

Encontrei Odete, pela primeira vez, na rua Uruguaiana, esquina da rua Sete de setembro. Eu estava parado e ela passava com seu jeitinho de "mariposa". (Carlos Zéfiro)

Carioca, de São Cristóvão, casado, pai de cinco filhos, nascido em 26 de setembro de 1921, Alcides Aguiar Caminha trabalhou no Ministério do Trabalho no Setor de Imigração até sua aposentadoria.

Desenhista e ilustrador autodidata, entre as décadas de 1950 e 1970, Alcides, sob o pseudônimo de Carlos Zéfiro, editou e publicou de forma independente quadrinhos eróticos em preto e branco, conhecidos por “Catecismos”. Suas tiragens chegaram a 30 mil exemplares. Elas eram vendidas “clandestinamente”, devido ao seu conteúdo porno-erótico, em bancas de jornal de diversos Estados.

“Muito populares, desenhadas a pincel, bico-de-pena e impressas em branco-e-preto, mudando o traço constantemente, [os “catecismos”, de Carlos Zéfiro], influenciaram toda uma geração de

¹⁵ Idem, p. 7

¹⁶ Idem, p. 8

¹⁷ MORAES; LAPEIZ, 1985, p. 12

jovens brasileiros.”¹⁸ Entre as décadas de 50 e 70, seus livretos fez parte dos interesses eróticos e sexuais de jovens e adultos de todas as classes sociais. E

Nos anos 1990 sua obra já havia se tornado inspiração para artistas, tema de livros, item de exposição, e Alcides foi louvado em virtude dela. Os *catecismos* haviam sido alçados à categoria de arte e Carlos Zéfiro, apontado como seu principal expoente, foi saudado como educador sexual de toda uma geração moralmente reprimida, como transgressor rebelde de toda essa moral repressora, e como artista genial.¹⁹

Em conversa informal com um amigo, ele testemunha:

Das lembranças de minha adolescência, permeiam tardes folheando escondido páginas do “Catecismo”, que meu pai mantinha “escondido” em uma velha mala de viagem, sobre o guarda-roupa. Era uma aventura aceder àquela mala. Uma lembrança desagradável foi ter passado três horas de pé de costas para parede, porque a professora nos pegou folheando Zéfiro no fundo da sala. Junto a isso, veio a carraspana de minha mãe, quando foi informada do ocorrido. Pai, também, foi cobrado e mudou a mala de lugar. Carlos Zéfiro, ante o silêncio familiar e escolar, nos introduzia nos mistérios do sexo.

A presença de Carlos Zéfiro era tal que surgiram outras publicações utilizando-se de seu nome, criando grande interesse por se saber sua identidade, que só veio a público em reportagem de Juca Kfourri à Revista Playboy, publicada em 1991. Explica Kfourri, Carlos Zéfiro tornara-se uma lenda e era “alvo da curiosidade de pesquisadores, professores universitários e de jornalistas” e “havia quem dissesse que se tratava de um presidiário que criava as histórias na prisão”. Como não se sabia quem ele era, difundiam, também, “que Zéfiro seria um ex-seminarista, versão que ganhava consistência por causa dos catecismos”. Neste mesmo ano, revelada sua identidade, Carlos Zéfiro concede entrevista ao apresentador e humorista Jô Soares.²⁰ No ano seguinte, a 5 de julho, Carlos Zéfiro veio a falecer.

Em termos de literatura erótica,

[...] os catecismos eram então o que havia de mais moderno e vanguardista, na medida em que a única concorrência que ainda circulava nos limites da lei eram os livros e

¹⁸ <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa342773/carlos-zefiro>

¹⁹ CARDOSO, 2014, p. 16

²⁰ CAMINHA, 2018.

revistas de naturismo, cujo apelo sexual, quando havia, era disfarçado sob a égide da ciência.²¹

A juízo de Cardoso (2014, p. 35), “Zéfiro não era um exímio desenhista” e “boa parte de suas figuras foram, na verdade, decalcadas de outras fontes, o que explica a repetição da mesma imagem em diversos quadrinhos, quando não dentro do mesmo volume.” Depois, “as figuras de Carlos Zéfiro atendem ao requisito da imagem pornográfica na medida em que representam o sexo materializado.”²²

Apesar do traço rústico e de caráter pornográfico, “a narração das histórias por sua vez, ganhava um tom poético ou mesmo lúdico, que conferia uma sensibilidade única às histórias.”²³ Evitando o uso de palavrões, Zéfiro “criou, ou reproduziu um vocabulário próprio, sexualizando expressões e palavras que, originalmente, têm outro significado”²⁴. Assim, “é recorrente, por exemplo, que os personagens de Carlos Zéfiro se refiram ao órgão sexual feminino como *grutinha*, *fenda* ou *pombinha*. De modo semelhante, o pênis é normalmente nomeado de *vara*, *varão*, *espada*, e outras metáforas fálicas.”²⁵

Segundo Cardoso (2014) até o surgimento dos “catecismos”, não havia publicações, no Brasil, representando explicitamente os órgãos genitais e o ato sexual. Assim, supostamente, Zéfiro inaugura a pornografia brasileira e abre o debate: “sua produção é erótica ou pornográfica?”

Não obstante a controvérsia, os “catecismos” de Zéfiro, desde a década de 1980, têm sido “classificados como eróticos ou sacanas, e ainda que seu caráter pornográfico seja consensualmente reconhecido, eles não recebem o mesmo tratamento que é direcionado à pornografia produzida atualmente.”²⁶

Carlos Zéfiro, explica Silveira (2018) “preferia enredos héteros, muitas vezes com finais em que casais comungavam com ideais românticos, com homens e mulheres realizando juntos as suas fantasias. Aliás, é frequente, se não dominante, que a mulher tome a iniciativa e peça ou autorize o sexo ao parceiro.”²⁷ E Silveira nota que

²¹ CARDOSO, 2013, p. 2

²² CARDOSO, 2014, p. 37

²³ NAVARRO, 2011, p. 5

²⁴ CARDOSO, 2014, p. 43

²⁵ Idem, p.43

²⁶ Idem, p. 20

²⁷ SILVEIRA, 2018, 219-XXI

[...] de um modo geral os personagens são declaradamente brasileiros, às vezes com essa brasilidade afirmada através de identidades regionais. Temos uma gauchinha, uma maranhense... Quanto à faixa etária, homens e mulheres são adultos jovens, às vezes mais jovens, como no caso das mulheres. Dificilmente suas mulheres são feias ou velhas; homens até podem ser, por necessidade narrativa, mas quase sempre terão capacidades que os destacam.²⁸

Na opinião de alguns de seus admiradores, “seus roteiros conseguiam conectar o leitor com o universo representado, pela verossimilhança à vida real”²⁹ e seu texto, com uma técnica narrativa invejável, sabia prender a atenção dos leitores.

Seus personagens [...] refletem o caldeirão cultural que é o Brasil até hoje. Removendo a violência e sugerindo outro mundo paralelo, governado por costumes sexuais onde machos românticos e mulheres fortes navegam em torno da estrita probidade e discrição de um ambiente dominado pelo conservadorismo implacável da Igreja e do Estado, Zéfiro catalogou a atividade social e política da sociedade brasileira, preocupada não apenas com um senso de excitação erótica, mas também com o bem comum, criando [...] manuais de educação sexual disponíveis para as massas através de tecnologia de impressão de baixo custo. Mas em vez de um descartável, Zéfiro criou uma obra-prima informada e extensa para não ser esquecida.³⁰

Segundo Fabiano Brum (2003)

Na história recente de nossa literatura, Carlos Zéfiro “foi importante como contraponto à “sexualidade oficial”, que respondia a interesses políticos e econômicos. Sua obra continha representações distintas daquelas permitidas, e era manifestação cultural autêntica. Apontou novas formas de seduzir, novos espaços para amar, práticas não-saudáveis, enfim, possibilidades além das “regras oficiais” do jogo erótico.”³¹

A juízo de Cardozo (2013, p. 7)

Em um contexto de rearranjos, Zéfiro é resgatado com o olhar e os anseios do presente. Os aspectos de Carlos Zéfiro, considerados altamente positivos por seus comentaristas dos anos 1980, superavam em importância qualquer elemento negativo que porventura fosse detectado na sua narrativa. E esses elementos existem.

²⁸ Idem, p. 219-XXI

²⁹ Idem, p. 34

³⁰ HOFFBERG, 1997, p. 94 apud SILVEIRA, 2018, 219-XVI

³¹ BRUM, 2003, p. 2

A *pornosfera* caracteristicamente é o ponto de vista masculino acerca da sexualidade e da fantasia erótica, um ponto de vista majoritariamente machista, quando não, misógino. Assim, em Zéfiro é possível encontrar valores e convicções morais bastante comuns do universo masculino. “Quando resgatados, entretanto, a partir dos anos 1980, esses aspectos são ora ignorados, ora revalorizados de acordo com a ótica de então. [E] a década de 1990 os sacralizou.”³²

Em 1996 Marisa Monte, provocou polêmica com a capa de seu álbum *Barulhinho Bom* que trazia em sua capa desenho de Carlos Zéfiro. Capa esta, censurada nos Estados Unidos. Em 1999, Adailton Medeiros funda, no bairro de Anchieta, a Lona Cultural Carlos Zéfiro, apadrinhada por Juca Kifouri e Marisa Monte. O espaço “abriga itens relacionados à trajetória do Alcides compositor e poeta, e do Alcides/Zéfiro, desenhista pornográfico”³³. Em 2011, uma produção conjunta entre a ClaMa! Cia de Teatro e a companhia paranaense Vigor Mortis, com texto e direção de Paulo Biscaia Filho, veio a palco peça *Os Catecismos Segundo Carlos Zéfiro*. E em 2019, o cineasta Silvio Tendler, produziu o documentário *Em busca de Carlos Zéfiro*.

É preciso lembrar que, além de seus trabalhos como ilustrador, Alcides Caminha era compositor e mantinha parceria com Guilherme de Brito e Nelson Cavaquinho com os quais compôs "A flor e o espinho", "Capital do Samba" e "Notícia".

Em um período em que a educação sexual não era assunto fácil de ser discutido, e família e escola se furtavam de abordar a temática, os “Catecismos” foi o primeiro manual nas mãos de adolescentes descobrindo-se em seu corpo e na sexualidade. Por sua obra, tornou-se uma “figura importante para a cultura nacional”³⁴.

III

*Era preciso convencer-se na sua floresta espessa e negra de que o prazer era uma via retornável, de que o gozo ainda era possível. O amor comporta variantes sentimentos?*³⁵

Por questões morais ainda vigentes, Carlos Zéfiro seria um excesso em sala de aula. A escola não está preparada para recepcioná-lo. Ainda hoje, é preciso muito jogo de cintura para abordar

³²CARDOSO, 2013, p. 8;9.

³³Idem, p. 9

³⁴CARDOSO, 2013, p. 9

³⁵EVARISTO, 2016, p. 63

superficialmente temas referentes ao corpo e à sexualidade em ambiente escolar. Nem sempre é um discurso fácil de ser elaborado. A presença de Zéfiro seria um escândalo.

Não obstante, ignorar que nosso alunado, hoje, mais que ontem, acessa facilmente pornografia e seus produtos industrializados, e que estes exercem influência, tanto quanto a família e a escola, em sua formação não contribui com o papel e responsabilidade que temos para com ele em sua formação.

Assim, é preciso pensar formas de abordar o tema com nossos alunos, ajudando-os a compreender o papel do erotismo na compreensão de si, do mundo e das relações de afeto que estabelecem com o outro e apontar-lhes de forma crítica as armadilhas das produções pornográficas.

Assim, ao invés de apenas condenar e evitar, é preciso compreender o erótico e o pornográfico como produtos do fazer humano, e, portanto, prenes de virtudes e vícios.

Reconhecer essa condição, para além da repulsa moral, possibilita a discussão de como esses produtos são efeitos do discurso sobre o sexo e a sexualidade e como eles impregnam nos corpos, nas práticas e nas imagens que constituímos de nós mesmos. Relembrando: o ser humano produz a cultura a cultura qualifica o humano.

Se por um lado a literatura e o erotismo são indispensáveis em nossa humanização, corre-se o risco de serem motivo de desumanização. A fruição erótica pode ser lugar de alienação, de degradação de opressão. “É quando nos encontramos em condição de degradação, de opressão e de alienação, ficam comprometidas nossa essência, a qualidade humana e nossa dignidade pessoal.”³⁶

Se Zéfiro é “improvável”, não podemos deixar de procurar outras formas de trabalhar de forma que a composição literária e o erotismo se manifestem como ato de liberdade, de provocação, de compreensão de nossas relações intra e intersubjetivas. É preciso que nossos alunos e alunas experimentem poética e eroticamente suas carências afetivas e seus sentimentos mais diversos, para que sua formação não seja algo mecânico e embrutecedor.

Todo nosso universo cotidiano é um apelo a nos descobrir, descobrir nosso corpo e do outro, podemos fazê-lo com deslumbre e encanto, com respeito e reverência. Através da literatura e da arte, de suas múltiplas formas de manifestação, é possível e necessário oferecer a nossos filhos e alunado condições para que se encontrem no corpo e na sexualidade com atitudes positivas, livres de temor, prejuízo, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus.

³⁶ SEVERINO, 2017, p. 84

IV

A título de conclusão:

*Oh! sejamos pornográficos
(docemente pornográficos).
Por que seremos mais castos
Que o nosso avô português?
Oh ! sejamos navegantes,
bandeirantes e guerreiros,
sejamos tudo que quiserem,
sobretudo pornográficos.
A tarde pode ser triste
e as mulheres podem doer
como dói um soco no olho
(pornográficos, pornográficos).
Teus amigos estão sorrindo
de tua última resolução.
Pensavam que o suicídio
Fosse a última resolução.
Não compreendem, coitados
que o melhor é ser pornográfico.
Propõe isso a teu vizinho,
ao condutor do teu bonde,
a todas as criaturas
que são inúteis e existem,
propõe ao homem de óculos
e à mulher da trouxa de roupa.
Dize a todos: Meus irmãos,
não quereis ser pornográficos?³⁷*

Referências bibliográficas

³⁷ ANDRADE, 2002, Em Face dos Últimos Acontecimentos, p. 53

- ANDRADE, Carlos Drumond. **Poesia Completa**. Conforme disposição do autor. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2002
- BRUM, Fabiano. **A poética da pornografia de Carlos Zéfiro**. Departamento de comunicação visual – EBA/UFRJ. 2003
- CAMINHA, Alcides. **Entrevista a Jô Soares no programa Jô Onze e Meia**, SBT Sistema Brasileiro de Televisão, 1991. 11min25s. Disponível em <https://www.youtube.com>. Acesso em: 14 out. 2018.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e formação do homem**. In: Textos de Intervenção. São Paulo: Duas Cidades / Editora 34. 2002.
- CARDOSO, Erika. **Carlos Zéfiro e os discursos morais no Brasil (1950-1970)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense. Instituto de ciências Humanas e Filosofia. Departamento de História. 2014
- CARDOSO, Erika. **O pornógrafo ingênuo: Carlos Zéfiro entre a História e a memória**. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. Natal: 22 a 26 de julho de 2013.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas/Fundação Biblioteca Nacional. 2016.
- HOFFBERG, Judith. **Carlos Zéfiro in black and white**. Umbrella, Santa Monica, v. 20, n. 3-4, p. 94, 1997.
- MORAES, Eliane Roberdt; LAPEIZ, Maria. **O que é pornografia?** São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense. 1985.
- NAVARRO, Matheus. **Pornografia impressa: Uma análise dos catecismos de Carlos Zéfiro**. Revista Anagrama, São Paulo. 2011.
- PAZ, Octávio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Filosofia na formação profissional. Por que ter valores políticos, éticos e estéticos na formação profissional é importante?** São Paulo: Cartago. 2017
- SILVA, Luiz (Cuti). **Poesia Erótica nos Cadernos Negros**, in FONSECA, Maria N. S (org.). **Brasil Afro-brasileiro**. Belo horizonte: Autêntica. 2001.
- SILVEIRA, Paulo. **Revisitando Carlos Zéfiro**. Anais do XXXVIII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte e Erotismo: prazer e transgressão na história da arte, Florianópolis-SC 16-20 de outubro de 2018.
- SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.

Autor:

Claudio Domingos FERNANDES

É mestre em Educação pela Faculdade de Educação da USP. Leciona Filosofia na Rede pública de Ensino do Estado de São Paulo. Tem publicado: Vacus Mundi (2011), O todo em Fragmento (2014), livros de contos e Por qual Educação: impasses entre utopia e realidade (2022), livro de ensaios em Educação.

Orcid. 000.0002-0510-9983

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5161179212907317>